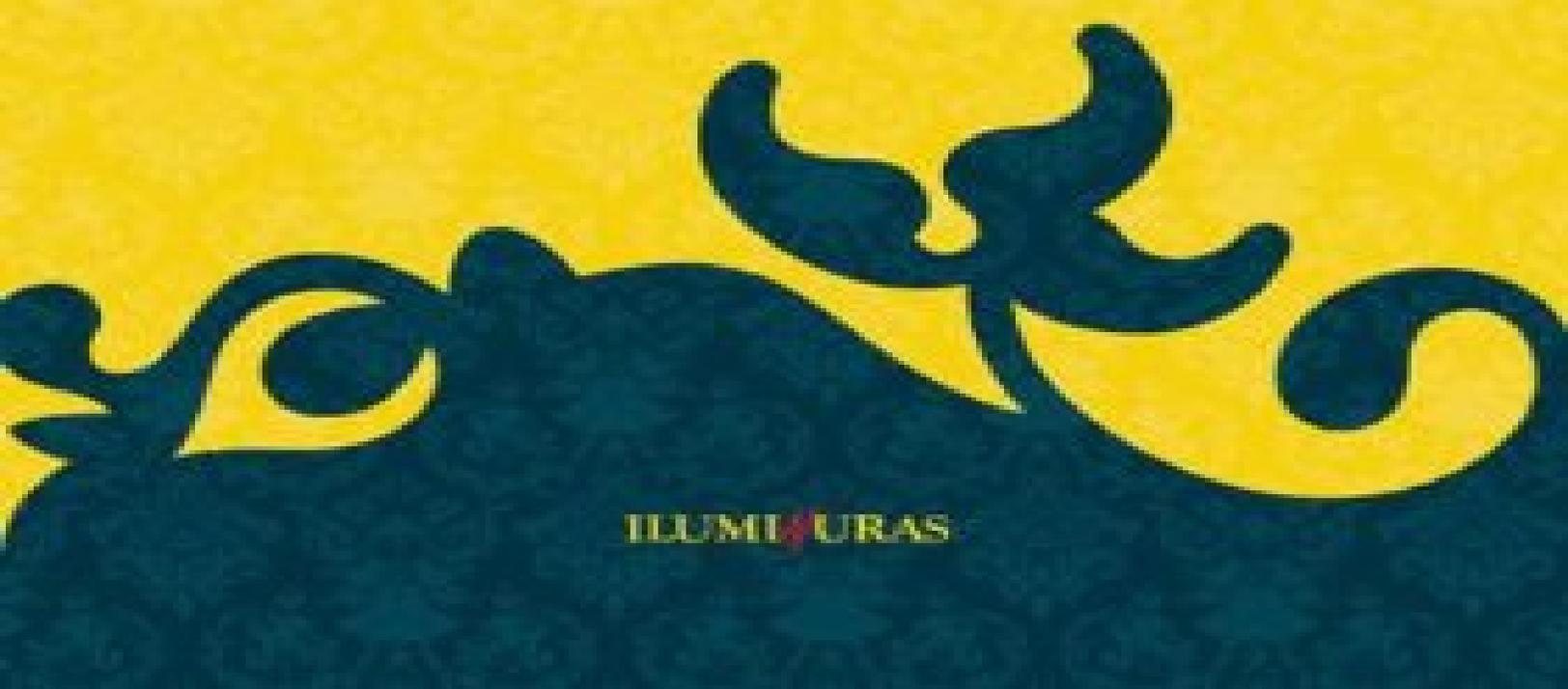


HAROLDO DE CAMPOS

**O SEQUESTRO DO
BARROCO**

**NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA:
O CASO GREGÓRIO DE MATTOS**

ILUMINURAS



Resumo de O Sequestro Do Barroco

Ligada ao prestígio da História no quadro das humanidades principalmente brasileiras a ideia de que apresentar um autor ou uma obra ou toda uma literatura é explicitar-lhe a circunstância nada tem de inocente.

Convive com um deslizar da interpretação do fato para o próprio fato e dispensa o observador ele mesmo histórico de assumir sua narrativa como narrativa. Tomemos um exemplo. Nossos românticos cantaram o país sua natureza seus primeiros homens a palmeira e o sabiá tal como os viram desde seu ideal estético.

Buscando alcançar assim a essência do espírito nacional e escrevendo para um público nascente consumidor de ideias e de folhetins difundiram junto a ele este seu imaginário. Então deu-se por estabelecido que aí começava o país e que pensar a literatura era pensar a nação e vice-versa.

De deslizar em deslizar a equação tornou-se prestigiosa nos altos foros acadêmicos e ao intelectual brasileiro passou a apresentar-se como iniludível a questão da formação a ser posta nesses mesmos termos. É disso que trata O sequestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos: das origens estabilizadas de seu corolário simétrico os fins acabados e daquilo que desse enredo se exclui o que vem antes do começo.

São dois movimentos lógicos um genealógico o outro teleológico e um terceiro movimento de subtilização freudiana da infância pátria e do que não lhe seria próprio o barroco literário. Incômoda para ouvidos delicados a palavra "sequestro" inspirada em Mário de Andrade que a tomava como sinônimo de "recalque" apenas quer recobrir este último apontamento.

Ela nada tem assim de verdadeiramente belicosa. Faz parte do repto que Haroldo de Campos lança à tese e não à pessoa de Antonio Candido cuja obra princeps seu título cita.

Nem tampouco é descortês a palavra “caso’ com a qual ele não quis criar um caso mas simplesmente apresentar um estudo de caso. Outra maneira de resumir esta pièce à scandale sobre a qual vimos mantendo um certo silêncio constrangido há mais de vinte anos é assinalar a outra interpretação possível dos fatos aqui encaminhada.

A saber: a História não é assim tão sem fratura nem os começos históricos tão decretáveis o que permite atrasar o advento oficial do país e armar outro cânone da literatura brasileira reintegrando o período colonial.

Com a vantagem de se poder fazer entrar neste outro um poeta máximo da língua aqui nascido e aqui falecido ligado a uma pequena nobreza luso-baiana de senhores de engenho agudo observador de nossa “triste Bahia’ tão virtuosístico nos versos satíricos quanto na lírica amorosa: Gregório de Matos. Mas não é só a possibilidade de apreciarmos o barroco literário como apreciamos Aleijadinho sem culpa que nos dá esta interpelação cortês da angústia sociológica que fecha as culturas sobre si.

Mais à frente o que estas reflexões também põem em dúvida é a suposição de que o artista periférico que se pretende de vanguarda parasita uma tradição forasteira que não lhe pertence sem nada lhe acrescentar.

Pois do ângulo da pedagogia inculcada é tão ilegítimo ser barroco na Bahia seiscentista quanto concretista em São Paulo nos anos 1950. Na verdade nesta sua vista das musas no trópico Haroldo fala também de si. Movimentando conceitos da filosofia da desconstrução como a “metafísica da presença’ para ele subjacente à ideia de nacionalidade conclusa e a elegante teoria das funções da linguagem de Jakobson que deixa entender a poesia fora do pacto da comunicação social estas são perspectivas que pretendem declaradamente dialogar com aquelas.

Aliás ao contrário do que quiseram sugerir os que mal compreenderam o “sequestro’ Haroldo sempre esteve fora das disputas verbais de nossa cordialidade crítica e é com a compostura do scholar que aqui mesmo insiste nisto: obra capital a Formação da literatura brasileira é por isso mesmo merecedora “de discussão que lhe responda à instigação’.

Acrescente-se que é justamente por não ser feito para desencadear nenhum processo de réplicas e tréplicas que o volume pertence à nossa

maturidade crítica. Tudo somado parece possível dizer que esta reedição contribui para o aperfeiçoamento dos debates e nos convida ainda mais à urbanidade.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)